

D. João Cosme da Cunha e o Catecismo de Montpellier

Um dos meios mais utilizados para a difusão da doutrina jansenista foi o catecismo. Lucas Tavares fez a apologia do Catecismo ou Ilustração sobre a Graça de Feydeau, a quando do seu aparecimento à luz pública em língua portuguesa; Pedro Estêvão Gourlin dedicou à rainha das duas Sicílias em 1776 a Institution et Instruction chrétienne, conhecida por Catecismo de Nápoles; no reinado de D. José foi adoptado em Portugal o Catecismo de Montpellier, para apagar a influência da Cartilha do Mestre Inácio, jesuita. O arcebispo de Évora, D. João Cosme da Cunha, promove a sua tradução em língua portuguesa para uso dos fiéis do seu arcebispado. As Instruções Gerais em forma de Catecismo... apareceram impressas em 1765. D. João, dirigindo-se ao leitor, faz a apologia do Catecismo, justifica a necessidade da sua tradução, e identifica-se com a política de Pombal no combate aos jesuítas.

“A necessidade de um bom Catecismo para instrução dos fiéis é reconhecida de todos aqueles que amam com zelo a religião e desejam eficazmente o seu aumento. Santo Agostinho não se contentou só com catequizar por si mesmo os povos de que a Providencia o tinha encarregado, compôs além disso um excelente livro do método, que devem observar os bons catequistas. Este livro foi sempre o modelo que procuraram imitar os que fizeram instruções para as pessoas rudes e ignorantes. São Gregório Nissen, S. Carlos Borromeu, o nosso Fr. Bartolomeu dos Mártires e outros muitos nos deixaram semelhantes instruções, ou compostas por eles ou feitas por ordem sua.

Mas todos estes Catecismos ficam muito inferiores ao que agora se dá ao público traduzido no idioma português. O Catecismo de Montpellier é uma obra consumada neste género, e o melhor livro que saiu à luz pública até o nosso tempo para instruir os fiéis no conhecimento da sua Religião.

Devemos esta grande Obra ao Illustríssimo Carlos Joaquim Colbert, Bispo de Montpellier. Reflectiu este virtuoso e sábio Prelado que a ignorância dos povos em matéria de Religião procedia quase sempre da ignorância dos Ministros da Igreja e que mal podia explicar os Mistérios divinos, os dogmas da fé e as cerimónias do verdadeiro e legítimo culto do Senhor, quem ignorava a origem, o princípio e o fundamento de todas estas verdades da nossa crença.

Com esta reflexão ideou um Catecismo, que servisse para as ovelhas, e para os Pastores, para os seculares e para os eclesiásticos, e geralmente para todas as pessoas e para todos os estados.

Todos sabem que o P. Pouget, Presbítero do Oratório, e muitos anos Superior do Seminário de Montpellier, foi quem pôs em execução os piedosos desígnios do seu virtuoso e sábio Bispo, empregando-se todo na composição desta obra singular tão aplaudida, tão estimada, e tão universalmente recebida.

A Itália, a Espanha, e ainda Inglaterra a traduzirão nas suas línguas. Só Portugal se não havia lembrado até agora da maior necessidade que tinha desta obra, do que a mesma França; não só pela multidão de livros deste género, com que aquela nação excede a nossa, mas também pelos muitos Seminários dispersos por todo o Reino, onde a mocidade dedicada à Igreja faz primeiro os estudos que são indispensáveis a um Ministro do altar, e se dispõe para o Sacerdócio com as luzes da ciência que a Igreja requer dos seus Ministros, que a Sagrada Escritura tanto recomenda e contra cuja ignorância clamam altamente os Padres e os Concílios: *Ignorantia mater cunctorum errorum, maxime in Sacerdotibus Dei vitanda est, qui docendi Officium in populo susceperunt.*

Para suprir pois de algum modo a falta de estudos eclesiásticos e dos meios para eles necessários, se dá ao público na nossa língua o Catecismo de Montpellier. Aqui acharão os Ministros de Deus em quatro pequenos volumes tudo quanto indispensavelmente são obrigados a saber; e os que forem Párcos, o que devem ensinar aos seus fregueses para cumprirem com as obrigações do seu estado.

A primeira parte desta Obra compreende, e dá uma ideia suficiente da existência de Deus, da sua natureza, dos seus atributos e das suas obras. Explica qual seja o estado da inocência, e descreve em compendio a história do Antigo Testamento. Faz um resumo da vida, morte, e acções de Jesus Cristo. Explica a necessidade da Encarnação do Filho de Deus, suposto o pecado original, e conclui com a explicação do Símbolo.

A segunda parte trata das virtudes e dos vícios, e explica os mandamentos de Deus e os preceitos da Igreja com um método claríssimo, instruindo ao mesmo tempo no que deve saber-se a respeito das imagens, das relíquias, e da invocação dos Santos, etc.

A terceira parte trata da Graça, dos Sacramentos, da Oração, das cerimónias da Missa, e finalmente conclui-se toda a obra com dois Catecismos abreviados para o uso dos meninos.

Não quero dizer contudo que se há-de reputar por douto o Eclesiástico que possuir e se fizer senhor destas instruções gerais; afirmo porém que o Sacerdote que tiver cura de almas, havendo feito o seu estudo competente da Teologia moral por um bom livro e não pelo compêndio de *Larraga*, Prática de *Corelha*, e outros desta natureza, mais capazes de perverter os costumes do que de reformá-los, pelas perniciosas máximas e moral relaxada que ensinam; o Pároco, digo, que além deste estudo souber bem o Catecismo de Montpellier tem a ciência que lhe basta para

não dar erros no seu ofício, ser útil aos povos e guiar seguros os fieis pelo caminho da Lei de Deus: *Scientia Legis*, diz S. Tomás, falando dos Eclesiásticos, *in eis esse debet, non quidem ut sciant omnes quaestiones legis difficiles, quia in his debet ad superiores haberi recursus; sed sciant, quae populus debet credere et observare de Lege*. (S. Thom. in 4. dist. 24. quaest. 1. art. 3. ad 1.2. quaest).

Não bastou tudo isto para que o Catecismo de Montpellier escapasse à proibição que contra ela saiu em 21 de Janeiro de 1721. Esta proibição, porém, teve a origem e o sucesso de que vou a instruir os Fieis da minha Diocese: os Jesuítas, émulos implacáveis de todo o livro bom, que saiu à luz pública, sem levar estampado o seu nome, e inimigos declarados dos Bispos em toda a conjunção, em que concorreu o seu próprio interesse com o bem comum, não só dos Fieis, mas da mesma Igreja, procuram abater o crédito de um livro que tinha recebido na Igreja um aplauso universal. Não houve intriga que não empregassem para mortificarem o Ilustre Colbert com o motivo desta utilíssima obra.

Esta sociedade pois nascida para inquietação do mundo e do socego público, lembrou-se de uma invectiva acomodada ao seu génio e muito natural ao seu carácter.

Começou a intitular por hereges a todos os autores que seguiam doutrinas opostas à sua escola e a escrevê-los na Catálogo dos Jansenistas; e como não podiam arguir a tantos homens sábios e Varões esclarecidos em santidade sem darem sinais de uma manifesta calúnia, deram um título ao seu Dicionário em termos tais, que aos que não pudessem fazer Jansenistas, ao menos ficassem suspeitos de Jansenismo. O título é este: *Dictionnaire des livres Jansenistes ou qui favorisent le Jansenisme*.

No alfabeto deste livro se encontra o nosso Catecismo de Montpellier. Nem podia deixar de ser assim; porque na primeira parte, Secção primeira, Capítulo IV, Parágrafo 21 desta admirável Obra recomenda muito o mesmo Catecismo a fidelidade que os vassallos devem ter aos seus Soberanos, provando com sólidas razões que não há caso em que seja permitido o rebelar-se contra a autoridade legítima dos Reis, nem ainda com pretexto de perseguição ou de Religião, etc. Ora todos sabem que esta doutrina é inteiramente oposta às máximas da Sociedade, e por isso o Catecismo de Montpellier ou havia de ser Jansenista ou ficar compreendido no Jansenismo

Na segunda Parte desta Obra, onde se trata dos pecados e das virtudes e se explicam os Mandamentos de Deus e preceitos da Igreja, segundo as regras da moral mais pura, não ficou lugar algum para o Probabilismo jesuítico; e daqui o que se seguiu foi que o Catecismo de Montpellier ou ficou Jansenista ou reputado no Jansenismo.

Finalmente na terceira Parte desta mesma Obra se explicam os meios de que os Cristãos se devem servir na terra para chegarem à vida eterna para que foram criados. Dá-se uma explicação da Oração Dominical, dos Sacramentos da Igreja e da graça de Jesus Cristo, fundada inteiramente na doutrina de Santo Agostinho: e eis aí temos o Catecismo de Montpellier ou Jansenista ou compreendido no Jansenismo.

Nem pareça que digo isto livremente. O P. Pouget, animado da universal aceitação que teve o seu Catecismo não só em França, mas em outros muitos Reinos da Europa, se determinou a dar uma edição latina desta obra, expondo ao público por extenso os lugares da Escritura e dos Santos Padres, que na edição francesa iam somente citados. Este projecto era admirável não só para facilitar em toda a igreja a leitura de uma Obra tão proveitosa, mas também para fechar a boca aos inimigos dela, que se veriam obrigados a reprovar expressamente em S. Jerónimo, Santo Agostinho, S. Crisóstomo e nos mais Padres da Igreja as mesmas proposições que reprovavam no Catecismo.

Não foi possível ao P. Pouget dar à execução o seu desígnio. Os seus adversários formaram logo contra ele as oposições que bastaram para prevalecer contra a piedade e contra a justiça. Enquanto viveu Pouget não apareceu estampada a sua tradução ou composição latina do Catecismo; mas logo que fechou os olhos, saiu à luz pública; se sorte que os mesmos que com imensas cavilações embaraçaram esta edição no tempo da vida do seu Autor, a promoveram logo depois da sua morte. Porém de que modo? Falsificada, corrompida e viciada com tanto excesso que o público não pôde conter a sua indignação, contemplando as alterações, as mudanças e adições com que apareceu viciada esta edição em muitos dogmas principais da Igreja, como são a matéria da Graça, a vontade de Deus a respeito da salvação de todos os homens, a atrição, etc..

O ilustre Colbert, inimigo constante da mentira, e sempre cheio de zelo pela verdade, condenou em 1725 o Catecismo Latino, publicando que não reconhecia por legítima mais que a primeira edição do dito Catecismo feita em 1702, e as outras que se conformassem com ela.

Os adversários daquele digno Bispo de Montpellier lançaram logo veneno na sua justificada queixa, declarando ao público que ele se estimulava da correcção dos seus erros, e de que uma mão católica houvesse retocado a edição latina do Catecismo de Montpellier. Oh insania! Oh excesso do fanatismo! E que retoques serão estes que a mão católica fez no Catecismo de Colbert? Note bem o Leitor. Em o Catecismo feito para os meninos já confirmados, Part. 3. Lição 10; falando do Sacramento da Penitência, estabelece Pouget a necessidade do amor de Deus, amor de preferencia, necessário para obter a reconciliação no Sacramento. Deixou a mão católica passar a lição inteira, e fez no fim o seu retoque com esta edição:

Não se pretende condenar aqui aos que não requerem mais que o temor das penas. É opinião dos Jesuítas, que para a reconciliação basta o temor das penas com o Sacramento. Ninguém que tem feito algum estudo nas matérias da Teologia, deixa de reconhecer o absurdo desta opinião, da qual se não acha vestígio nos Santos Padres da Igreja.

Na 2. Parte Lição 16. se faz no mesmo Catecismo esta pergunta: *Qual é o segundo preceito da Igreja?* E responde-se: *Ouvir Missa com devoção nos Domingos e dias Santos.* A mão católica também aqui achou que retocar, e suprimiu o *com devoção* para não ofender a decisão de Escobar e de seus companheiros, que afirmam não ser preciso para satisfazer ao preceito da Missa mais que a presença corporal, não tendo a Igreja jurisdição no foro interno. Conforme a opinião destes falsos Doutores, tanto pode ouvir Missa um homem, como uma estátua: não se pode tirar outra consequência de uma doutrina tão perversa.

Deixo outros retoques da mão católica, ou da mão ímpia dos Jesuítas, porque não pretendo mais que avisar os Leitores da malícia com que os inimigos de Colbert maquinaram a proibição do seu Catecismo com tão manifesta obrepção, e subrepção. com tão evidentes enganos, e com tanto escândalo de toda a França, como testificou a carta, que não menos de sete doutos e pios Bispos daquele Reino escreveram ao Papa Inocencio XIII nestes termos: *En etiam, Sanctissime Pater, damnare audivimus Catechismum Montispessulensis Ecclesiae, de quo id unum dicemus, acerbissimum dolorem bonis omnibus aferre scandalosam ejusmodi damnationem.*

Por isso pois não foi recebida em França a referida proibição, mas antes reputada por obreptícia e subreptícia, nula, e extorquida por obras do engano e artifícios da malevolência. Sendo tão notória até aos mesmos Espanhóis a injustiça desta censura que alguns anos depois do Decreto da proibição romana do Catecismo, apareceu este traduzido na língua espanhola, como já tinha sucedido na italiana, e agora se pratica na portuguesa, onde a proibição romana não foi nem podia ser recebida.

Permita a Divina Omnipotência que esta admirável Obra produza entre os fieis da minha Diocese aqueles saudáveis frutos que tem colhido tantos povos cristãos, em que foi recebida com intenções puras, e desejo eficaz de obrarem a sua salvação”.